

Nessa edição, selecionamos diversos gêneros textuais sobre a condição feminina. A intenção, como uma caixa de Pandora às avessas, é provocar que surjam outras referências que fortaleçam nossas esperanças e ampliem o nosso olhar sobre a temática.

DDHH

Direitos Humanos na sala de aula

Apresentação

Datas Significativas

Aprendi com as primaveras a me deixar cortar para poder voltar inteira.
(Cecilia Meireles)

Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.
(Clarice Lispector)

Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores.
(Cora Coralina)

É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta
(Simone Beauvoir)

Oh! mãe, oh! mãe, nossa mãe, Abre o teu colo generoso parir, gerar, criar e provar nosso destino valoroso. são donas de casa, professoras, bailarinas, moças, operárias, prostitutas, meninas lá do breu das brumas, vem chegando a bandeira saúda o povo e pede passagem a mulher brasileira.
(Mulheres do Brasil, Joyce)

**Que uma mulher pode nunca nada Isto eu já sei
É o grito da dona moral
Todo dia no ouvido da gente
É que eu estou pela vida na luta
Eu também sei
E meu caminho eu faço
Nem quero saber que me digam dessa lei...**
(Ser, fazer e acontecer de Gonzaguinha)

A construção de um feminismo que incorpore as particularidades das mulheres negras, indígena, lésbicas, trabalhadoras do campo e da cidade, sem cair na fragmentação de suas identidades, mas articulando-as em torno de um projeto societário radicalmente emancipatório, segue sendo um grande desafio.
(Mirla Cisne)



Parodiando Ivan Lins, nesses novos tempos, "apesar dos perigos, da força mais bruta, da noite que assusta", estamos novamente junt@s para reafirmar nosso compromisso com uma educação pautada nos direitos humanos.

Nesse sentido, o lema de 2016 - "Direitos das mulheres: compromisso de todos/as!", tema que emergiu com força nas redes e movimentos sociais, nos convida a refletir sobre desafios, lutas e políticas públicas relativas aos direitos das mulheres e a construir práticas pedagógicas que afirmem a equidade de gênero e uma educação não sexista.

O cartaz do lema: "Direitos das Mulheres: Compromisso de Todos/as!" expressa os diferentes rostos de mulheres. Uns, marcados pela opressão e pela violência. Outros, revelando as dores e as delícias de ser mulher hoje. Destaque para a presença masculina e a diversidade étnica e geracional na luta pelos direitos das mulheres. Explorá-lo com seus alunos e alunas pode ser um bom início de conversa para trabalhar a temática desse ano.

Nessa edição, as diferentes seções reúnem elementos que buscam aproximar a escola das representações das crianças e adolescentes sobre os papéis e comportamentos masculinos e femininos, socialmente aceitos, questionar preconceitos e estereótipos e afirmar a importância das lutas e dispositivos legais que afirmam a igualdade de gênero.

Reafirmando nossas esperanças e convicções, retomamos a canção citada inicialmente, esperando que a gente continue a se encontrar nos diferentes espaços e atividades do Movimento de Educadores/as em Direitos Humanos.

Abril

02
Dia Mundial de Sensibilização para o Autismo e Dia Internacional do Livro Infante-Juvenil

07
Dia Mundial da Saúde

22
Dia Mundial da Mãe Terra (Dia da Terra)

28
Dia Mundial da Educação

Maio

01
Dia Mundial do/a Trabalhador/a

21
Dia Mundial para a Diversidade Cultural, Diálogo e Desenvolvimento

25
Dia Internacional de Ação pela Saúde da Mulher e do Combate à Mortalidade Materna

29
Dia Internacional dos Construtores de Paz das Nações Unidas

A Equipe

Participe

Participe do Ciclo de Debates 2016, promovido pelo Movimento Socioeducativo - um espaço de reflexão e debates sobre educação e questões contemporâneas. Acompanhe também a divulgação das atividades pelo site da Novamerica - www.novamerica.org.br Visite o site do Observatório de Educação em Direitos Humanos em Foco - <http://observatorioedhemfoco.com.br> e curta a Fan Page Novamerica/Nuevamerica.

Participe, também, enviando sugestões de materiais, atividades pedagógicas e informes de eventos realizados nas escolas sobre a temática dos direitos humanos e do lema 2016 para divulgarmos na Fan Page e nesse boletim. O e-mail para envio é escola@novamerica.org.br.



NOVAMERICA
Programa Direitos Humanos
Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 - NOVAMERICA
Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo - CEP: 22280 - 030
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL - Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033
E-mail: escola@novamerica.org.br
<http://www.novamerica.org.br>

DDHH
Direitos Humanos
na sala de aula

Editora: Susana Sacavino
Texto Final: Silvia Maria F. Pedreira
Supervisão Editorial: Adelia Maria Koff
Composição Gráfica: Companhia Visual Manteca
Equipe Responsável: Edileia Carvalho
Marilena Guersola
Marinauva de A. Souza
Vera Maria Candau

NOVAMERICA 2016



A Sala de Aula em Movimento

Cara educadora e educador, apesar de avanços, as relações entre homens e mulheres ainda são marcadas pela desigualdade e violência. Ninguém nasce sabendo ser homem ou ser mulher. Aprende-se a ser homem e a ser mulher na família, na escola, na igreja, através de representações simbólicas como a linguagem, os valores, os modelos etc. Em geral, as práticas educativas estão impregnadas de informações, ainda que sutis, que reforçam os papéis sociais de homens e mulheres: menino não chora, menina não briga, boneca é para menina, bola para menino.... Sem perceber reforçamos as desigualdades achando que estamos respeitando as diferenças. Nesse sentido, as atividades aqui propostas buscam afetar mentalidades e comportamentos no intuito de tecer relações mais equânimes e respeitadas.

Temos Direito!

Prova que os direitos das mulheres são uma grande e recente mudança social é o fato de que, somente em 2002, o novo código civil, lei 10.406, regulamentou o princípio de igualdade entre homens e mulheres, estabelecido, em 1988, pelo art. V da Constituição. Esse novo código extinguiu formalmente a arcaica legislação de 1916, que estabelecia a “chefia da sociedade conjugal” a apenas ao homem. No código atual, entre outros avanços, mulheres e homens são iguais e podem opinar sobre todas as questões da família.

Ensino Fundamental Anos iniciais (1º, 2º e 3º)

O que pensam os meninos e as meninas sobre os papéis sociais a eles atribuídos? A atividade visa desvendar as concepções dos/as pequenos/as, buscando desestabilizá-los de suas certezas para construir novas possibilidades.

- Iniciar a conversa com a pergunta: As meninas podem fazer tudo que os meninos fazem? E os meninos, podem fazer tudo que as meninas fazem? Porque sim? Porque não?
- Convidar as crianças a desenharem coisas que **as meninas podem fazer** e coisas que **as meninas não podem fazer** (usar folhas separadas para o pode e o não pode). Se as crianças já souberem escrever, pedir que façam uma frase explicando: as meninas não podem fazer tal coisa porque...; as meninas podem fazer tal coisa porque... Se ainda não, o/a professor/a poderá escrever por elas.
- Cada criança apresenta seus desenhos e explica porque pode ou porque não pode fazer isso ou aquilo.
- Organizar um painel com os desenhos separando em quatro grupos: (1) o que os meninos pensam que as meninas **podem fazer**; (2) o que as meninas pensam que elas **podem fazer**; (3) o que os meninos pensam que as meninas **não podem fazer**; (4) o que as meninas pensam que as elas **não podem fazer**.
- Se considerar conveniente, repetir a atividade para os meninos: coisas que os **meninos podem fazer** e coisas que os **meninos não podem fazer**.

Poderemos nos surpreender com a riqueza de representações sobre os papéis do masculino e do feminino que as crianças trazem. Fique atenta/o para discutir as contradições entre as visões dos meninos e das meninas. Procure refutar ideias depreciativas sobre as meninas (*menina não pode jogar futebol porque é fraca; menina não pode jogar futebol porque chora a toa*) ou ideias que reforcem a opressão do homem sobre a mulher (*menina não pode jogar futebol porque os meninos não deixam*). Reforçar a ideia de que os meninos e as meninas podem fazer as mesmas coisas, desde que desejem. Estas são apenas algumas questões. Diante das respostas dos/as alunos/as muitas outras surgirão.

Ensino Fundamental Anos iniciais (4º e 5º)

Você já ouviu a frase “Lugar de mulher é na cozinha”? E seus alunos, suas alunas, será que a conhecem? Não há nada mais conservador, machista e discriminador do que expressões como esta, que desqualificam o papel da mulher na sociedade. A proposta da atividade é identificar o que se passa no imaginário de meninas e meninos sobre o lugar da mulher na sociedade, questionando estes lugares preestabelecidos.

- Convidar as crianças, em duplas ou trios só de meninas ou só de meninos, a completarem a frase Lugar de mulher é.... (usar uma filipeta de papel).
- Um a um os grupos apresentam sua frase em voz alta e colam a filipeta em folha de papel pardo.
- O/a professor/a convida as crianças a votarem se **concordam** com as frases apresentadas. Para isso, desenha duas colunas diante das frases e contabiliza os votos dos meninos e das meninas que concordam com cada uma das frases.
- A votação é uma oportunidade para colocar o conteúdo das frases em discussão, analisando se apresentam uma visão que reduz o papel social da mulher ou se apresenta uma visão que reconhece o valor e possibilidade da mulher na sociedade.
- Várias questões podem ser colocadas a partir da atividade:
- Quantas frases consideram a mulher com um papel puramente doméstico ou de cuidado?
- Quantas frases reconhecem a competência da mulher para exercer funções na política, nas empresas, na ciência?
- Apareceram frases pejorativas, que desqualificam e ferem? Quantas?
- Os meninos e as meninas votaram igualmente nas frases? Por que a visão dos meninos e das meninas é diferente em relação a algumas frases? E por que coincide em outras?
- Será que existe igualdade entre mulheres e homens?
- Se compararmos o tempo passado e o atual, o lugar da mulher mudou?

Finalizar a atividade com a reflexão de que os homens e as mulheres são iguais e devem ter os mesmos direitos. Por isso, meninos e meninas devem se opor aos comportamentos machistas e discriminatórios e lutar por um mundo mais igualitário.

Ensino Fundamental Anos finais (6º e 7º)

Essa atividade favorece a compreensão de que as representações de masculino e feminino são construções históricas e culturais, desmitificando a tese do determinismo biológico para justificar a desigualdade entre homens e mulheres.

- Solicitar, previamente, que a turma selecione imagens de famílias em diferentes momentos da história do Brasil até os dias atuais. Importante que o/a professor/a também selecione cenas que retratem a família patriarcal, famílias de diferentes culturas, etnias e as novas configurações familiares.
- Organizar a turma em um grande círculo. Disponibilizar as imagens no chão e pedir que observem as semelhanças e as diferenças entre as famílias, destacando a composição familiar, o nível socioeconômico, as atividades, atitudes, gestos, expressões de cada membro representado.
- Favorecer a observação, indagando sobre qual modelo de família, classe social e etnia estão mais presentes nas imagens e quais tipos de família estão menos representadas ou ausentes nas imagens selecionadas. Estimular a turma a refletir sobre essas ausências e presenças, continuidades e mudanças.
- O importante é que percebam as mudanças e as continuidades ao longo do tempo nas representações de homens e mulheres.
- Ampliar a conversa, com exemplos de acontecimentos históricos, movimentos, instituições e dispositivos legais que contribuíram para as mudanças sociais e afirmação dos direitos das mulheres. Do mesmo modo, apresentar alguns dados sobre as desigualdades de gênero e violência contra a mulher no Brasil.
- Quando sentir que o debate já foi suficiente para sensibilizá-los/as, propor que, em grupos, utilizando diferentes linguagens (poesia, história em quadrinhos, música, desenhos, dramatização etc.), expressem o que gostariam de mudar nas relações entre homens e mulheres para afirmar a igualdade de gênero, quando formarem as suas famílias.
- Dar espaço para os grupos apresentarem suas produções para a turma.
- Ao final, comentar as confluências e diferenças presentes nas apresentações, destacando a importância da luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres para a construção de uma sociedade mais justa e feliz.

Ensino Fundamental Anos finais (8º e 9º)

- Essa atividade discute a desigualdade entre homens e mulheres, tendo como foco a dupla jornada de trabalho da mulher.
- Convidar a turma para assistir o filme *Sonho impossível?*, curta divulgado pela ONU-Brasil, disponível no youtube, que aborda uma situação comum na vida das mulheres: trabalhar fora e assumir todo o trabalho doméstico.
- Durante a exibição, observar as reações da turma: risos, comentários, silêncios, cochichos, comportamento dos meninos e das meninas e outros aspectos que considere relevante para a discussão.
- Após a apresentação, organizar a turma em círculo e abrir para comentários sobre o filme. Perguntas que ajudam: O que sentiram ao assistir o filme? Que cenas e situações consideraram mais significativas? Que pensam sobre o comportamento do marido e da mulher? O filme tem alguma semelhança com a realidade de muitas famílias? De alguma maneira, corresponde à experiência pessoal de vocês? Caso os meninos e meninas revelem sentimentos e comentários muito distintos, aproveitar para aprofundar a reflexão sobre o tema.
- Aprofundar a discussão, apresentando alguns dados sobre as relações de gênero no mercado de trabalho e no trabalho doméstico.
- Fechar o debate, perguntando: *A igualdade de direitos entre homens e mulheres é “um sonho impossível”?*
- Solicitar que dêem exemplos que sabem ou vivenciaram que contribuíram para tornar esse sonho possível.
- Oferecer, também, exemplos de lutas, dispositivos legais e instituições que defendem os direitos das mulheres na sociedade brasileira hoje.
- Em seguida, distribuir meia folha de papel A4 em formato de flor e pedir que escrevam o sonho que gostariam de realizar para afirmar a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Mosaico

É inegável que vivemos hoje uma reação conservadora que ameaça os direitos sociais e de minorias, conquistados na Constituição de 1988.

Em relação aos direitos das mulheres e da população LGBTI, tramitam hoje na Câmara Federal projetos de lei que trazem graves ameaças (PL 478/2007, PL 5069/2013, PL 6583/2013).

Outra ameaça é o ataque ao conceito de gênero, categoria de análise fundamental para pensar a desigualdade entre mulheres e homens como algo socialmente construído e, portanto, passível de

mudança. Parlamentares e grupos conservadores ligados a vertentes religiosas conseguiram suprimir os termos gênero e orientação sexual do PNE e têm conclamado os pais para impedirem que o debate sobre gênero e sexualidade aconteça nas escolas.

A exclusão da perspectiva de gênero e orientação sexual nas escolas e nas políticas públicas além de impedir a construção de uma educação inclusiva, contribui para reduzir os altos índices de violências contra mulheres e a população LGBTI.

Enriquecendo a Ação:

Vídeos, disponíveis no youtube:

- “Acorda Raimundo... acorda”. Embora, produzido em 1990, mostra as agruras de um homem ao ter que cuidar do lar.
- “Nós deveríamos todos ser feministas”, palestra da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

Literatura infantil e juvenil:

- O clássico de Ruth Rocha, “Faca sem ponta, galinha sem pé” Ed. Salamandra. Entre os vários e recentes lançamentos destacamos
- “Mulheres e os homens”, de Luci Gutiérrez, Coleção Boitatá, Ed. Boitempo.

Filmes recentes:

- *Malala.*
- *As sufragistas.*
- Para os/as professores/as, disponível na internet:
- *Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*, organizado pela equipe do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ).
- Site do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero.